

# CÉSAR AIRA

A PROVA



cavalo de ferro

— Queres foder?

A pergunta apanhou Marcia de surpresa, de tal forma que ela nem a conseguiu compreender. Olhou em volta, alarmada, para tentar perceber de onde provinha... Embora não fosse algo totalmente deslocado, e talvez não se pudesse esperar outra coisa, naquele labirinto de vozes e olhares, ao mesmo tempo transparente, leve, sem consequências, e denso, veloz, um pouco selvagem. Mas se alguém se punha a esperar alguma coisa...

Três quarteirões antes da Plaza Flores começava a abrir-se, daquele lado da avenida, um mundo juvenil, parado e em movimento, tridimensional, cuja presença se fazia sentir, pelo volume que criava. Eram grupos numerosos de rapazes e raparigas, mais dos primeiros do que das segundas, à porta das duas lojas de discos, no espaço livre do Cinema Flores, que ficava entre uma e outra, e encostados aos carros estacionados. Àquela hora, tinham saído dos colégios e reuniam-se ali. Ela também tinha saído do colégio duas horas antes (estava no quarto ano), mas mais longe, quinze quarteirões abaixo, em Caballito, e fazia o seu passeio habitual. Marcia tinha excesso de peso, e um problema nas vértebras que, aos dezasseis anos, não era grave, mas que podia vir a ser. Ninguém lhe tinha recomendado que andasse a pé; fazia-o por

instinto terapêutico. E por outros motivos também, principalmente por hábito; a depressão grave que tinha sofrido, e que atingira o seu apogeu poucos meses antes, obrigara-a a movimentar-se sem parar para sobreviver, e agora fazia-o em grande parte porque sim, por inércia ou por superstição. Naquela altura do exercício, já perto do ponto onde empreendia o regresso, parecia começar a desacelerar; entrar naquela outra zona juvenil depois do quilómetro algo neutro ao longo da Rivadavia, que separava os dois bairros, era ir tornando mais e mais lenta a marcha, ainda que não tivesse diminuído o ritmo dos passos. Colidia com a carga de sinais flu tuantes; cada passo, cada oscilação dos braços multiplicava-se em respostas e alusões... Flores, com a sua grande sociedade juvenil a ocupar a rua, erguia-se como um espelho da sua história, um pouco afastado do cenário original, mas não demasiado, ao alcance de uma caminhada vespertina; de qualquer forma, era lógico que o tempo se adensasse à chegada. Afastada da sua história, sentia-se deslizar demasiado depressa, como um corpo no éter, onde não havia resistência. Também não deveria haver demasiada, ou ficaria imóvel, como lhe acontecera no período bastante trágico que agora começava a esbater-se no passado.

Apesar de serem apenas sete da tarde, já tinha escurecido. Era Inverno, e a noite caía cedo. Não uma noite cerrada; para isso ainda faltava um pouco. Na direcção em que caminhava, Marcia tinha o crepúsculo pela frente; ao fundo da avenida havia uma luz intensa, vermelha, violeta, alaranjada; só a pôde ver ao aproximar-se de Flores, quando a Rivadavia fazia uma curva suave. Tinha saído quase de dia, mas

era um processo rápido; em pleno Inverno, às seis e meia da tarde já seria noite fechada: a estação tinha avançado, e já não se podia dizer que fossem os dias mais curtos do ano, mas o frio persistia, os crepúsculos bruscos, os sinais da noite à saída do colégio, às cinco. Ainda devia restar alguma luz no ar, mesmo às sete, mas a iluminação intensa da rua tornava o ar do céu negro, por contraste. Sobretudo ao chegar à zona mais comercial de Flores, perto da praça, com as montras e os letreiros acesos. Isso tornava incongruente o brilho vermelho do pôr do Sol ao fundo, só que já não era vermelho, era apenas uma sombra azul com uma irradiação acinzentada. Ali, o fulgor das lâmpadas de mercúrio cegava, talvez por causa da quantidade de jovens que se olhavam e conversavam, ou esperavam, ou discutiam aos gritos. Nas ruas anteriores, quase desertas (estava um frio tremendo, e os que não eram jovens com essa necessidade inútil de encontrar os amigos preferiam ficar em casa), as luzes pareciam brilhar menos; é certo que, no caminho de ida, era mais cedo. A hora parecia voltar para trás, desde uma certa meia-noite, até à tarde, até ao dia.

Ela não o sentia, ou não deveria senti-lo, porque fazia parte do sistema, mas todos aqueles miúdos estavam a perder tempo. Era o sistema que tinham para serem felizes. Era disso que se tratava, e Marcia compreendia-o perfeitamente, mesmo que não pudesse participar. Ou julgava que não podia. De qualquer modo, entrava naquele reino encantado, que não era lugar nenhum; era um instante causal da tarde. Teria ela chegado até ele? Ou ele até ela? Estaria ele à espera dela? Já não fazia mais perguntas, porque já estava ali. Chegara

a esquecer-se de que estava a caminhar, de que seguia numa certa direcção (ainda que, na verdade, não fosse para lado nenhum), rodeada pela resistência suave da luz e da escuridão, do silêncio e dos olhares que mudavam de rosto.

Olhavam todos uns para os outros, encontravam-se, era para isso que tinham saído. Falavam, gritavam, murmuravam segredos, mas tudo se resolvia vertiginosamente no nada. A felicidade de se estar num determinado lugar num determinado momento era assim. Teve de zigzegaguear para contornar alguns círculos dentro dos quais reverberava o segredo. O segredo era ser criança ou não. Ainda assim, não podia evitar olhar, ver, deixar-se levar pela atenção geral. Dos grupinhos desprendiam-se a toda a hora alguns rapazes e algumas raparigas, que se apressavam de um lado para o outro; e regressavam sempre, a falar, a gesticular. Todo aquele troço estava povoado; pareciam chegar ou ir-se embora; e pareciam, sobretudo, querer manter o número. Transmitem uma impressão de sociabilidade instável. Na verdade, dir-se-ia que não estavam ali parados, mas apenas de passagem, como ela. Não era uma zona de resistência, salvo poética, imaginária, mas sim um leve tumulto, com risos longos e curtos. Todos pareciam estar a discutir. «Palerma!» «Palerma!» era a palavra que mais se ouvia, embora ninguém se zangasse. Recriminavam-se por tudo, mas era uma maneira de ser. Não que olhassem para ela enquanto passava; não estavam calados nem imóveis o suficiente para isso. Além disso, era um instante, uns poucos metros. Mas ela continuava a andar. Ao atravessar a rua Gavilán, encontrava-se a verdadeira multidão. Esse lado da esquina, onde ficava o

Duncan, um café enorme, era um pouco mais escuro. Ali pareciam ser mais. Aqueles, sim, eram os típicos jovens de Flores: cabelos compridos, casacos de cabedal, as motas estacionadas no passeio. Reinava uma urgência suspensa. Havia um quiosque de revistas fechado, e ao lado uma banca de florista; até uns vinte ou trinta metros adiante continuavam a formar-se pequenos grupos, até à primeira entrada da galeria, onde havia uma loja de discos, e ali culminava a presença da juventude a exhibir-se, pelo menos por alguns momentos. Marcia sabia que, na esquina seguinte, em frente de uma farmácia, costumava formar-se sempre, àquela hora, uma aglomeração de miúdos. Era avançar e ir entrando no mais característico do bairro. Mas ainda ia na esquina anterior, a do Duncan, cheia de motociclistas... Já lhe chegava a música da loja de discos: The Cure, que Marcia adorava.

A música alterou-lhe o estado de espírito, levando-o até ao seu clímax não exprimido. Como tal não tinha acontecido com a música das duas lojas do quarteirão anterior, só podia dever-se à qualidade desta; embora talvez se devesse a um culminar do somatório de impressões. A música era a resistência que faltava para tornar a passagem completamente fluida. Todos os olhares, todas as vozes por entre as quais se deslizava se conjugavam na noite. Porque era de noite. O dia tinha terminado, e a noite estava no mundo; àquela hora, no Verão, seria pleno dia, mas naquele momento era de noite. Não a noite de dormir, a verdadeira, mas uma noite colocada sobre o dia apenas porque era Inverno.

Caminhava envolta na sua aura, nos seus dezasseis anos. Marcia era loira, baixa, roliça, com algo de infantil e algo de

adulto. Levava uma saia de lã e uma camisola grossa azul, sapatos de atacadores, o rosto aceso pela caminhada; de qualquer modo, tinha-o sempre rubicundo. Sabia-se deslocada naquele movimento; poderia perfeitamente ser mais uma, num qualquer grupo de amigos, onde não era raro haver raparigas como ela, a conversar e a rir, mas não conhecia ninguém de Flores. Parecia uma rapariga que ia para algum lado e tinha de passar por ali. Era um milagre não lhe terem passado cartão; abordavam-na todos os dias, mas hoje, não, por uma dessas casualidades; todos os distribuidores de piropos se tinham distraído precisamente no momento em que ela passava. Dir-se-ia que era um fantasma, que era invisível. Mas isso só a tornava ainda mais e mais o centro vazio de todos os olhares e de todas as conversas... se é que se podia apelidar aquilo de conversas. Quando nada lhe era dirigido, era porque todas as direcções se tinham esbatido. Era a nuvem de jovens desconhecidos...

— É contigo que estou a falar...

— Comigo?

— Queres foder?

Duas raparigas tinham-se destacado do grupo grande, ou dos grupos estacionados junto ao Duncan, e tinham ido atrás dela, alcançando-a sem dificuldade, porque Marcia estava mesmo ali, à distância de um passo. Uma delas falou-lhe, a outra ia como acompanhante, muito atenta, um pouco mais atrás. Marcia parou assim que percebeu quem lhe falava, e fitou-a:

— Estás maluca?

— Não.

Eram duas *punks*, vestidas de negro, muito novas, mas talvez um pouco mais velhas do que ela, com rostos infantis e pálidos. A que lhe falava estava muito perto.

— És mesmo boa, e quero foder contigo.

— Não estás boa da cabeça, pois não?

Olhou para a outra, que era igualzinha e estava muito séria. Não parecia uma brincadeira, e não eram conhecidas suas, ou pelo menos não as reconhecia, com aquelas roupas. Havia algo de sério e de louco nas duas, naquela situação. Marcia não cabia em si de espanto. Desviou o olhar e continuou a andar, mas a *punk* agarrou-a pelo braço.

— Era por ti que estava à espera, sua gorda de merda. Não te armes em difícil. Quero lambe-te a cona, para começar!

Soltou-se imediatamente, mas mesmo assim voltou a cabeça, uma segunda vez, para lhe responder:

— És doida.

— Vem para o escuro — e apontava para a rua Gavilán, atrás dela, que de facto parecia uma boca de lobo, com as suas árvores grandes. — Quero dar-te um beijo.

— Deixa-me em paz.

Seguiu caminho, e as outras duas ficaram paradas, pareciam ter desistido, mas a que falara levantou a voz, como se faz sempre com alguém que se afasta, mesmo que ainda esteja perto. Vagamente alarmada, Marcia apercebeu-se, só depois, de que a desconhecida falara em voz alta desde o início, e que algumas pessoas tinham ouvido e se riam. E não apenas jovens, mas também o florista, um homem já velho, um avozinho, junto de quem Marcia passou na sua fuga, e que olhava muito atento, mas com uma expressão vazia, como



se não conseguisse reagir. Fá-lo-ia depois, nos seus comentários às clientes; seria inesgotável com os seus «a degeneração», os «sabe o que é que aconteceu?», e por aí fora. «De certeza que estavam drogadas», diriam as senhoras. Mas que inconscientes, estas miúdas!, surpreendeu-se a pensar Marcia. Que imprudentes! Como sabotavam a juventude! Os rapazes que tinham ouvido não pareciam nada preocupados com isso; riam-se e gritavam, divertidíssimos.

Já tinham ficado para trás. Sem querer, ela acelerara um pouco o passo. A música soava mais alto, e uns rapazes encostados à porta da loja de discos, mais à frente, observavam com interesse. Sem ouvirem, deviam ter adivinhado; talvez não o conteúdo exacto da troca, mas sim a sua estranheza. Ou talvez ela não fosse a primeira a quem aquelas duas, ou outras, se dirigiam; talvez fosse uma partida de mau gosto que passavam a vida a fazer. Não se voltou para trás para olhar, mas supôs que as duas *punks* se teriam reintegrado num grupinho qualquer e estariam a rir-se, já à espera da próxima vítima.

Mais alguns passos e Marcia chegou ao ponto de máxima sonoridade. Mas agora a música tinha mudado de significado. Era como se se tivesse tornado real, coisa que nunca acontecia com a música. Essa realidade impedia-a de a ouvir. Ela própria pensava agora com o máximo de intensidade, de modo que ao mesmo tempo era como se o pensamento se tivesse tornado real. Ao longo do caminho ainda havia grupos de jovens, que já não lhe prestavam atenção, tal como antes (todo o incidente tinha durado segundos, quase nem se podia dizer que ela tivesse parado), mas agora já não eram

Na sua habitual caminhada pelo bairro argentino de Flores, num fim de tarde depois das aulas, Marcia, uma adolescente roliça, baixa e virgem, é abordada por Mao, uma *punk* que confessa o seu amor por ela e lhe faz uma proposta inesperada. Enredada num jogo de sedução e persuasão, a que se junta Lenin, outra *punk*, amante da primeira, Marcia procura saciar a curiosidade e encontrar explicações para tão espantoso episódio. Mas a dupla vestida de preto e coberta de penduricalhos metálicos não mostra abertura para diálogos filosóficos ingénuos. Apologistas da acção, as duas darão uma prova irrefutável e desmedida do seu amor absoluto.

Colóquio sobre o desejo e o amor, e a busca da beleza e da felicidade na juventude, *A Prova* constitui uma obra central de César Aira e na sua reinvenção da Literatura como espaço de liberdade radical e puro prazer.

«Se Marcel Duchamp virou do avesso a instituição Arte, não é exagero afirmar que cada novo livro de César Aira faz o mesmo com a Literatura.»

*El País*

«O estilo de Aira é estranhamente libertador.  
De leitura compulsiva.»

*Financial Times*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-589-558-8



9 789895 895588